

inunados no cemitério de Parada. Seria algum castro sito na eminência hoje ocupada pela Casa de S. Martinho ou nas proximidades? Construções modernas teriam talvez desfeito os vestígios dos seus muros e das suas casas.

Se há razões para fazer recuar os primeiros vestígios da ocupação humana na estação de Parada Todeia a uma época de humilde cultura castreja, deve, porém, assentar-se em que a maior parte dos seus restos são atribuíveis aproximadamente aos séculos IV e V da era cristã<sup>1</sup>.

A. A. MENDES CORREIA.

### Moedas de ouro de D. João V celebradas em poesias

O reinado de D. João V foi um deslumbramento. Embora mais aparente que real, e dêsse origem a muito desperdício dos dinheiros publicos, não ha dúvida que d'ele, por outro lado, vieram beneficios á vida interna da nação, pois D. João V protegeu as letras, as artes, as indústrias, a agricultura, o comércio. Bastava a maravilha do Aqueduto das Aguas Livres para glorificar o reinado!

Entre as magnificencias da realeza foram as moedas de ouro, lavradas nesse tempo, uma das que mais impressionaram a mente das multidões, visto que no dinheiro está a sintese natural de todos os valores materiais. Disse um escritor latino: *pecunia regimen est omnium*<sup>2</sup>; os Romanos chegaram a criar uma deusa *Pecunia*; e parafraseando uma frase vergiliana, como justificação da existencia da deusa, toda a gente repete hoje: *pecunia omnia vincit!* Quem não ouve a cada passo expressões corriqueiras, e já gastas do uso, como: *time is money, tanto vales quanto tienes*, e quejandas? Os nossos antigos, sempre sentenciosos, clamavam que

Não ha mal tão lastimeiro,  
Como não ter dinheiro!<sup>3</sup>;

<sup>1</sup> As fotografias que acompanham este artigo são do ex-assistente da Faculdade de Ciências do Pôrto, Sr. Mário Afonso. Os desenhos foram feitos pelo assistente da Faculdade de Letras, Sr. Magalhães Basto, e pelo Sr. engenheiro Luís Canavarro de Morais.

<sup>2</sup> Apud Otto, *Die Sprichwörter der Römer*, Leipzig 1890, p. 271, nota.

<sup>3</sup> *Adagios*, de Roland, Lisboa 1780, p. 91, e já Bluteau, in *Vocabulario*, s. v. «dinheiro». Nesses AA. se acham muitos proverbios relativos ao dinheiro.

e João de Deus mimoseou-nos com uns conhecidos versos em que se lê:

O dinheiro é tão bonito, Tão bonito o maganão;	Tem tanta graça o maldito, Tem tanto chiste o ladrão! <sup>1</sup>
---	---

aos quais a musa popular corresponde com a seguinte quadra:

Tenho corrido mil terras, A maior parte da Beira:	Não achei melhor amigo Que o dinheiro na algibeira! <sup>2</sup>
--	---

Para se provar o que acima se disse da impressão que as moedas de ouro de D. João V causaram no público, vão aqui transcrever-se várias poesias latinas, e uma portuguesa, de autores do séc. XVIII, escritas em louvor de algumas d'essas moedas.

## I

De Antonio dos Reys: *Joanni V Epigrammatum libri quinque*, Lisboa 1720 (sirvo-me porém da 2.<sup>a</sup>, de 1730, que possuo).

1. Ad Aulum<sup>3</sup>

*De nova Moneta aurea, in qua palma duplex videtur*<sup>4</sup>.

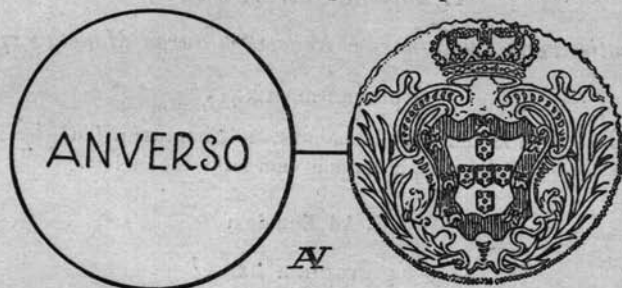


Fig. 1

Epigramma LXXXVII<sup>5</sup>

Si nova tot palmis succingitur, Aule, moneta,  
Solas cur palmas effugit illa meas?

<sup>1</sup> *Flores do Campo*, 1.<sup>a</sup> ed., p. 151.—Possuo um exemplar d'este livro com algumas emendas da mão do autor.

<sup>2</sup> Ouvida no Algarve, variante da que, com outras cantigas antigas acêrca do dinheiro, publiquei nos *Ensaíos Ethnographicos*, iv, 150.

<sup>3</sup> [*Aulus* é nome suposto, por imitação romana. O A. quis simplesmente fingir que se dirigia a um amigo].

<sup>4</sup> [*Dobra de oito escudos*, que parece datar de 1722. Vid. Aragão, *Moedas de Portugal*, t. II, pp. 76 e 86, e est. 41, n.º 25. Reproduz-se o reverso d'este desenho na fig. 1.<sup>a</sup> do presente artigo].

<sup>5</sup> [Do liv. III, p. 154].



## 6. AD JOANNEM QUINTUM,

*Potentissimum Lusitanorum Regem, De nova Moneta aurea ejus effigie insignita*<sup>1</sup>.

Epigramma XCIV<sup>2</sup>

Ante nitente fores, Rex, quam caelatus in auro,  
Cui tua donavit plus pretii facies,  
Nemo de Lulis mihi Te certabat amando:  
Qui te diligerem fortius, unus eram.  
Ast hodie, quamvis cupio, cupioque frequenter,  
Nec possum faciem, crede, videre tuam.

## II

De José Antonio Bravo: *Epigrammatum centuria*, Lisboa 1713, p. 54.

## JOANNI V

*Cujus effigies in aureo nummo duplici palma sculptitur*<sup>3</sup>.

## Epigramma LXXXII

Effigies palmis merito tua sculptitur auro,  
Nam tibi perpetuum palma triumphus erit.  
Nil opus est ferro, celeres depone sagittas,  
Sparsa tibi nullo sanguine laurus erit.  
Absque armis turrium Danaës effregit ahenam  
Jupiter, ex auro nam sibi vultus erat.  
Quid modo non vinces, quae ferrea claustra resistant?  
Aurea JOANNES, cum sit imago tibi.

## III

Do P.<sup>o</sup> Antonio de S. Jeronimo: *Miscellanea do Parnaso*, Lisboa 1737, p. 8:

Foy assumpto academico: *El Rey Nosso Senhor D. João V. mandando pôr o seu retrato em alguns Dobrões*<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> [Não pôde dizer-se de que moeda se trata, pois são muitas as de ouro que têm o busto do Rei].

<sup>2</sup> [Do liv. v, p. 267].

<sup>3</sup> [Não sei de nenhuma moeda de ouro em que o busto do Rei esteja ornado de palmas: só a coroa, no cruzado novo, e o brasão real, na dobra. Não podia o A. equivocar-se com a grinalda da cabeça do Monarca, porque esta é de louro; equivocou-se pois, parece, com o brasão da dobra ou com a coroa do cruzado novo].

<sup>4</sup> [Lopes Fernandes, *Memoria das moedas*, p. 243, chama *dobrão de duas peças* à dobra de oito escudos, que já vimos nas poesias de Antonio dos Reis. As moedas comumente denominadas *dobrões* não têm o retrato do Monarca].

## SONETO

A Laminas de ouro reduzido,  
O Rey Augusto, excelso, e sublimado,  
Do Mundo a maravilha no exaltado,  
No Retrato mais regio, e esclarecido:

Adoraçoens mereça por subido  
Retrato, que se faz tão venerado,  
Não só pela grandeza de elevado,  
Como pelos reales de luzido,

Mas não se dê ao Ouro esta ventura,  
Que de hum Rey o Retrato mais que humano  
Lamina he só o Ceo, não a pintura;

De estrellas seja o esmalte mais ufano,  
E suba àlem do Ceo à Esfera pura,  
Que só là se retrata hum Soberano.

## IV

De L. Caetano de Lima: *Epigrammata*, Lisboa 1753.

## 1. Aurei Nummi Regis effigie signati.

Epigramma XLVII<sup>1</sup>

Principis effigiem referentes cernite nummos,  
Cudit Ulyssaea quos novus urbe labor.  
Regius exornat pretiosa numismata vultus;  
Aequaque syderibus fulva metalla nitent.  
Auri sacra fames<sup>2</sup> nummis saturata quiescet;  
Crescet et aspectu Principis urbis amor.

## 2. De eisdem Numismatibus.

Epigramma XLVIII<sup>3</sup>

Principis effigie signata numismata cerne:  
Aureus en nummus Principis ora refert.  
Aere alios fingi liceat, vel marmore Reges:  
Praestitit hoc Graius, Romuleusque labor.  
Non haec apta tuis, Princeps, jam vultibus extant,  
Non nisi ducta auro te sacra signa decent.

<sup>1</sup> [De p. 17].

<sup>2</sup> [*Auri sacra fames*: notoria sentença que vem na *Eneida*, III, 57].

<sup>3</sup> [De p. 18].

## 3. Aurei Nummi Regis effigie signati.

Epigramma LVII<sup>1</sup>

Urbe quod immensum eudi modo cernimus aurum,  
 Non nisi sacra sui Principis ora refert.  
 Nec temere expressam tantam quis dicere formam  
 Audeat, et nummos increpet inde novos:  
 Solvere nos Regi grates haec cogit imago,  
 Qui populis confert aurea dona suis.

## 4. De eisdem Numismatibus.

Epigramma LVIII<sup>2</sup>

Principis effigie signatos cernite nummos:  
 Materiem hic superat dignius artis opus.  
 Crascit amor Regis quantum ipsa pecunia crescit;  
 Et famam praesens auget ubique decor.  
 Hinc comem, hinc facilem, mitem quoque dicite Regem,  
 Qui passim populos ore beare solet!

A dobra e seus submultiplos até o cruzadinho são moedas de ouro em que se vê a effigie do Rei.

5. Aurea Numismata duplici palma circundata<sup>3</sup>.

## Ad Regem

Epigramma LXXIII<sup>4</sup>

Circundat quae bina tuos palma aurea nummos,  
 Non temere artificum fieta labore nitet:  
 Sic tua signari pretiosa numismata praestat,  
 Inclita queis Domino gloria tanta venit.  
 Usibus apta sacris atque apta numismata donis  
 Ista triumphalis non nisi signet honos.

\*

As poesias não se notabilizam por profundidade de sentimento, pois consistem só em hiperboles e jogados de palavras, com que se encomia o Monarca ou se invoca sorrateiramente a sua nunca des-

<sup>1</sup> [De p. 21].

<sup>2</sup> [De p. 21].

<sup>3</sup> [Vid. supra, p. 15, nota 4].

<sup>4</sup> [De p. 26].

mentida liberalidade; mas talvez os nossos numismaticos gostem de as ter aqui reünidas (e outras poderão encontrar-se). O mais famoso dos AA. citados é o P.<sup>o</sup> Antonio dos Reis, editor do *Corpus illustrium Poetarum Lusitanorum qui latine scripserunt*. No seu livro citado acima ha muitas poesias graciosas: esta obra merecia que um historiador da nossa literatura se occupasse d'ela.

J. L. DE V.

### Insculturas do Monte de Eiró

Há no Museu Municipal do Pôrto uma enigmática pedra onde se vêem abertas, em sulco, duas espirais de conjunto com linhas on-



Fig. 1—Local donde foi extraída a pedra

duladas, extravagantemente dispostas, cujo traçado completo, por bastante delido do tempo, com certa dificuldade se enxerga.

A respeito dela apenas sabia eu ter sido oferecida pelo colega e amigo Dr. Manuel de Vasconcelos, que às antiguidades do Marco tem dedi-

cado um louvável interêsse<sup>1</sup>, desconhecendo contudo as circunstâncias concernentes ao seu encontro e proveniência. Formado o propósito de averiguar isto a seu tempo, eis que, inesperadamente, um visitante do Museu, o professor S.<sup>or</sup> Acácio Parreira, me facultava esclarecimentos valiosos. Vim assim a saber que esse bloco de granito era originário da freguesia de Penha Longa, concelho do Marco de Canaveses, tendo sido arrancado de propósito do Monte de Eiró, no limite do lugar de Piares, para ser colocado no Museu. Fôra mesmo o meu obsequioso informador quem, em 1910, sabendo da existência

<sup>1</sup> Vid. *Arch. Port.*, xix: *Apontamentos arqueológicos do concelho do Marco de Canaveses*.